

COMIDA DE RISCO *Polícia desconhece o autor do crime, ocorrido em Petrolândia*

Pizza que levou 9 ao hospital em PE tinha pesticida

FÁBIO GUIBU

DA AGÊNCIA FOLHA, EM RECIFE

A Polícia Civil de Pernambuco confirmou ontem que as nove pessoas hospitalizadas após consumir duas pizzas, quinta-feira passada, em Petrolândia (770 km de Recife), foram envenenadas por um pesticida organoclorado, produto de alta toxicidade e persistência residual usado no combate a pragas urbanas e em lavouras.

Uma das vítimas, o estudante Paulo Henrique da Silva, 16, ainda continua internada na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do Hospital da Restauração, em Recife. Outras três pessoas receberam alta médica ontem.

A Polícia Civil desconhece o autor do crime. As pizzas, de mussarela e calabresa, foram entregues por um motoboy ao estudante na escola onde estudam.

Segundo a polícia, o motoboy foi contratado por uma garota, que lhe entregou as pizzas na praça central da cidade. Com a encomenda, consumida com amigos e dois funcionários da escola, o estudante recebeu também uma carta de amor manuscrita, mas sem assinatura.

O delegado Roberto Fonseca apura a possibilidade de crime passionai. Entretanto, não descartar a hipótese de vingança. Ele dis-

se que o estudante havia se desentendido com colegas, denunciados por ele como autores de um blecaute ocorrido na escola.

Para Fonseca, só há certeza de que o crime foi premeditado. As pizzarias de Petrolândia, afirmou, não receberam encomendas de entrega naquele dia. Ele diz acreditar que as pizzas envenenadas foram preparadas pelo criminoso. O pesticida, de acordo com o IML, foi misturado ao molho de tomate ou à maionese. Segundo Paulo Tadeu, diretor do IML, organofosforados têm mau cheiro e modificam o gosto dos produtos. Já os organoclorados não provocam alterações relevantes.

Outra pista seguida pelo delegado é a marca do refrigerante entregue com as pizzas. O produto, de nome Trelelé, sabor laranja, só é vendido na zona rural do município. A bebida não estava envenenada, pois foi consumida por pessoas que não passaram mal. "O problema foi a pizza", disse Maria José dos Santos, 38, uma das vítimas, após receber alta. Outras quatro pessoas internadas devem deixar o hospital ainda hoje.

Até ontem, 13 pessoas haviam sido ouvidas pela polícia. Hoje, o motoboy e outra testemunha deverão descrever a garota que entregou as pizzas para a montagem de um retrato falado.

VIOLENCIA ENQUADRADA



'Depósito', que mostra a superlotação de unidades para menores



'Queimados', que trata de caso de garoto que ateou fogo em cela

Promotor usa arte para expor agressões a jovens infratores

Exposição "Ninguém Nasce Bandido" abre hoje em SP e exhibe sete telas e uma escultura

FERNANDA MENA

DA REPORTAGEM LOCAL

A superlotação de adolescentes infratores espremidos em uma tela de pouco mais de um metro quadrado. A juventude encarcerada numa galeria de arte. "Ninguém Nasce Bandido" é o nome da exposição que explica a inusitada combinação descrita acima: o drama vivido por jovens internos da Febem e as artes plásticas.

Isso porque a mostra exhibe pinturas de um autor de dupla identidade: o artista plástico e promotor de Justiça da Infância e da Juventude, Wilson Tafner.

"Ninguém Nasce Bandido", que abre hoje, às 19h, na Casagaleria (r. Dr. Cardoso de Melo, 758, Vila Olímpia, na zona oeste de SP), exhibe sete telas e uma escultura em que estão retratados o aprisionamento, a tortura, o abuso encontrados pelo promotor em sete anos de atuação acompanhando denúncias contra a Febem da capital paulista.

Algumas das obras causam desconforto e são apresentadas sob títulos que sugerem a vivência de Tafner na Promotoria de Justiça da Infância e da Juventude.

"Depósito" retrata a superlotação de unidades, como a do Brás, que chegou a abrigar quase 700 jovens onde cabiam 62.

"Tranca" remete à prática de manter os jovens infratores trancados por vários dias em suas celas. "Queimados" trata do episódio em que um garoto torturado, e por isso transferido de unidade, se desesperou após alguns dias de tranca e morreu queimado quando ateou fogo no colchão de sua cela. "Couro" expõe a pele dilacerada dos garotos vítimas de tortura fotografadas pelo artista/promotor.

"Resisti a misturar o trabalho de promotor ao de artista plástico, mas foi inevitável. A pintura funciona como uma válvula de escape, como uma forma de aliviar o peso do trabalho, e acabei canalizando para as artes essa vivência pesada na Promotoria", conta Tafner.

Para ele, mais do que resgatar o conceito de arte engajada, que considera "desgastado", as obras sobre a Febem tem dupla função: de registro e de reflexão. Registrar histórias marcantes de sua atuação junto à instituição e levar a discussão sobre esses jovens e o sistema que os acolhe para um público diferenciado.